

POESIA PARA JOVENS LEITORES

José Elder Pinheiro Alves
Universidade Federal de Campina Grande

Resumo: Nosso objetivo é apontar perspectivas de abordagem do poema para leitores jovens, sobretudo no âmbito da sala de aula. Chamamos a atenção para o risco que corremos de trabalhar com obras que não apresentam qualidade estética que garantam uma formação sensível do jovem leitor. O caminho que nos parece mais promissor, embora mais difícil, devido à pouca prática de leitura de poemas dos professores, é o da busca, na obra de nossos grandes poetas, de poemas que respondam ao horizonte de expectativa do leitor jovem.

Palavras-chave: poesia – jovem leitor – escola.

Abstract: Our aim in this paper is to point out perspectives of approaching the poem to young readers, above all in the classroom. We focus on the teacher's problem of dealing with some works that do not have aesthetic quality because they do not warrant a sensitive formation of the young readers. The way that seems better, although more difficult, because of the little practice of teachers in reading poems, is to search, in the work of our greatest poets, poems that are related to the expectancy of the young readers.

Keywords: poetry, young reader and school.

Antes de escrever esta comunicação percorri estantes de bibliotecas, livrarias, revistas especializadas e anais de congressos em busca de reflexões, sugestões e registros de experiências acerca do trabalho com o poema em sala de aula. Não encontrei praticamente nada. Repito: quase nada sobre poesia em sala de aula. Reflexões sobre leitura literária há muitas e boas. Mas elas quase sempre lançam mão de exemplos de autores de obra em prosa. A poesia muitas vezes nem sequer é trabalhada. Nossa grande escritora Ana Maria Machado (2001:149)), em artigo sobre “O desafio dos jovens leitores”, nos lembra que “criança aprende pelo exemplo. Se vê gente comendo de talheres, amarrando sapatos, vendo televisão, torcendo por um time, vai ter vontade de imitar. Se nunca vê ninguém à volta com livro na mão, nem vai desconfiar que isso possa ser coisa que se faça fora da escola”. Creio que ela tem razão, mas creio também que há bem mais para se pensar nesta questão. Se a criança e o jovem pouco vê seus professores, pais e amigos lendo, muito menos ainda lendo livros de poemas e se quase não ouve alguém lendo poemas em voz alta – nem na escola, nem em casa, nem no teatro, como esperar que eles tenham um gosto literário minimamente desenvolvido? Um pequeno exemplo: em recente pesquisa sobre os livros indicados para leitura em doze escolas particulares de Campina Grande, não havia sequer uma indicação de livros de poemas.¹ Este é um fato e contra os fatos não há muito o que argumentar.

Mas se contra os fatos não há argumentos, há, porém, possibilidade de intervir nesta realidade; há, sobretudo, possibilidade de resistir e tentar minar a realidade. Para nos dispormos a enfrentar realidade com propostas efetivas é preciso acreditar que a poesia

é essencial à vida. Que o acesso a ela é um direito de toda criança e todo jovem. Se a criança ou o jovem vai depois se tornar um leitor de poesia não temos como afirmar, mas temos o dever de lavá-lo a ter contato com uma poesia em que esteja representado seus desejos, suas dúvidas, seus medos, suas alegrias, enfim, sua experiência de vida. Mas também proporcionar-lhe leituras desafiadoras que possam questionar posições, preconceitos e a colaborar para que se tornem mais exigente. Nem sempre é bom respeitar o gosto, uma vez que sabemos que o nosso gosto e o de nossos alunos estão impregnados das facilidades que a sociedade de consumo nos impinge a todo instante. É preciso também estar atento ao modo como se deverá o encontro do jovem leitor com o poema. O conhecimento das expectativas do leitor e de textos que estão em sintonia com essas expectativas não são suficientes. É indispensável pensar metodologias de abordagem tendo em vista cada sala, cada situação nova. E o professor que deverá ser o mediador desta experiência com a poesia precisa estar convencido de que o acesso à poesia é um direito e, como afirma Quintana, uma “Emergência”, por que:

Quem faz um poemas abre uma janela.
 Respira, tu que estás numa cela
 abafada,
 esse ar que entra por ela.
 Por isso é que os poemas têm ritmo
 - para que possas, enfim, profundamente respirar.

Quem faz um poema salva um afogado.

Poderíamos parafrasear o poeta, dizendo: “Quem lê um poema para seus alunos, para seu(s) filho(s), para seus amigo(s), abre uma janela.” Às vezes, realmente, um poema pode salvar um afogado. Mas as experiências com o poema e com a leitura literária em geral nem sempre se mede, elas habitam um espaço difícil de mensurar. Não se trata de fazer nem tecnicismo tipo diferenciar linguagem literária da não literária ou reconhecer a função poética ou metalingüística da linguagem. Trata-se de possibilitar um encontro mais íntimo com a poesia. Mas para não sermos rotulados de pouco objetivo, ouçamos mais um poema, ainda de Mario Quintana. Chama-se

Bilhete

Se tu me amas, ama-me baixinho
 Não o grites de cima dos telhados
 Deixa em paz os passarinhos
 Deixa em paz a mim!
 Se me queres,
 enfim,
 tem de ser bem devagarinho, Amada,
 que a vida é breve, e o amor mais breve ainda....

Há cerca de vinte anos venho lendo esse poema para adolescentes, professores do ensino fundamental e médio e estudantes de Letras. A sensação que tenho é a de que poucas pessoas ficam indiferentes diante dele. Sua filiação ao topos do *carpe diem* se dá de modo peculiar; a perspectiva de um amor que recusa a standardização – como não lembrar dos famosos carros de som com mensagem de amor, fogos, para que o bairro todo fique sabendo. Nada de pressa, nada de estandarte. A leitura oral – e esta é uma questão metodológica fundamental – pode ajudar na aproximação do poema. Ele deve ser lido com suavidade, sem arroubos. Quem não desejaria ouvir isto sussurrado ao seu ouvido. Textos assim tendem a calar fundo na alma dos leitores e de um modo pouco mensurável, formar um gosto mais refinado e a levar o jovem a entender por que a poesia é essencial.

Mas vamos adiante, a outro poema de Quintana. Agora vamos ouvir “Indivisíveis”:

O meu primeiro amor sentávamos numa pedra
 Que havia num terreno baldio entre as nossas casas.
 Falávamos de coisas bobas,
 Isto é, que a gente grande achava bobas
 Como qualquer troca de confidências entre crianças de cinco anos.
 Crianças...
 Parecia que entre um e outro enm havia ainda separação de sexos
 A não ser o azul imenso dos olhos dela,
 Olhos que eu não encontrava em ninguém mais,
 Nem no cachorro e no gato da casa,
 Que apenas tinham a mesma fidelidade sem compromisso
 E a mesma animal – ou celestial – inocência,
 Porque o azul dos olhos dela tornava mais azul o céu:
 Não, não importava as coisas bobas que disséssemos .
 Éramos um desejo de estar perto, tão perto
 Que não havia ali duas encantada criaturas
 Mas um único amor sentado sobre uma tosca pedra,
 Enquanto a gente grande passava, caçoava, ria-se, não sabia
 Que eles levariam procurando uma coisa assim por toda a sua vida...

Não vou comentá-lo. Queria apenas registrar que este é um dos poemas que gosto de ler em sala de aula. Ler em voz alta, pedir que cada um repita um ou mais versos de que mais gostou. Ler novamente todo o poema para que as imagens, o ritmo cale dentro de cada leitor/ ouvinte. Mas também discuti-lo, dependendo do tempo, do objetivo que se tem e da turma com que se está trabalhando. O que seria essa “fidelidade sem compromisso”? Por que “a gente grande (...) caçoava, ria-se”? Enfim, que valor é este que está representado no poema e por que esse título “indivisíveis”? E o que dizer dessa comunhão mítica entre a criança seus bichos de estimação e seu primeiro amor? Aqui também poderíamos pensar numa das funções da poesia que é a de eternizar momentos singulares de nossa experiência.

Quero partir destes três poemas de um mesmo poeta para fazer uma afirmação mais ampla: não há propriamente uma poesia para jovens. E dos livros que têm sugerido procurando ocupar este espaço, poucos conseguem se sustentar do ponto de vista estético. Tendem ao lugar comum, à facilitação de linguagem, e, sobretudo, à padronização de certos modelos e atitudes tidos como típicos do jovem. O que quero dizer é que se não há livros de poemas para jovens em quantidade e qualidade, por exemplo, comparável à poesia para criança, é possível buscar nas obras de nossos grandes poetas um bom número de poemas para serem lidos em sala de aula. Hoje com a facilidade dos recursos de duplicação, é possível em duas páginas reproduzir quatro ou cinco poemas para nossos alunos. E se algum deles se encontrarem com o poeta, com certeza irão à procura das obras integralmente.²

Felizmente esse trabalho vem sendo feito. Sobre a poesia de Manuel Bandeira, temos *Berimbal e outros poemas*. Mas há ausências marcantes. Também de Carlos Drummond de Andrade organizou-se uma antologia para jovens leitores: trata-se de *A palavra mágica: poesia*. Mesmo que de todos os nossos grandes poetas tivéssemos excelentes seleções para jovens leitores, isso não nos tiraria a obrigação de visitar as obras completas e, sobretudo, de levar aquele poema que mais nos agrada. Como há muitos anos lembrou a professora Maria Antonieta Antunes Cunha, o gosto pessoal do professor não pode ser desprezado, mais que isto, ele pode ser o diferencial no trabalho

com o poema. Não podemos nem devemos nos subordinarmos ao gosto dos organizadores de antologias e muito menos ao dos autores de livros didáticos.

É bom, também, estar atento aos poetas mais recentes – vivos ou mortos. Por exemplo, na poesia de Adélia Prado, de Paulo Leminski, de José Paulo Paes, entre tantos outros, encontramos qualidade estética e diversidade temática e de visão de mundo. Quanto aos temas, aqui tudo vale a pena. Não há por que privilegiar o amor, a paixão, os desejos quando se trata de poemas para jovens. Este privilégio é o que mais cansa nalguns livros de poemas para jovens. O amor, a paixão nos encantam em qualquer fase da vida. Mas há outros interesses como os temas sociais, políticos, religiosos, esportistas, a condição da mulher entre outros. E já que citei alguns poetas, vamos mostrar alguns exemplos de cada um deles.

Leminski (1993) tem momentos líricos surpreendentes, sempre marcados por forte tensão - nada parece pacificado, como nestes versos:

o amor, esse sufoco
agora há pouco era muito
agora, apenas um sopro
ah, troço de louco,
corações trocando rosas,
e socos

José Paulo Paes (1992) nos deixou poemas cheios de ironia e de questionamentos dos valores do mundo moderno. Sua poesia infantil já é bastante conhecida, mas há na sua obra poética em geral inúmeros poemas que temos lido com jovens e que têm se revelado de grande valor. Veja-se este grande poema que ele intitula

o Shopping Center

Pelos teus círculos
vagamos sem rumo
nós almas penadas

do mundo do consumo.

De elevador ao céu
pela escada ao inferno:
os extremos se tocam
no castigo eterno.

Cada loja é um novo
prego em nossa cruz.
Por mais que compremos
estamos sempre nus

nós que por teus círculos
vagamos sem perdão
à espera (até quando?)
da Grande Liquidação.

Agora Adélia (1991), talvez a poesia mais peculiar que nos surgiu no final deste século XX e que permanece como uma ilustre desconhecida entre os nossos professores,

a não ser por um ou outro poema que começa a aparecer nos livros didáticos. Toda uma perspicácia feminina que parece não ter idade ela nos entrega neste poema:

Fatal

Os moços tão bonitos me doem,
impertinentes como limões novos.
Eu pareço uma atriz em decadência,
mas, como sei disso, o que sou
é uma mulher com um radar poderoso.
Por isso, quando eles não me vêem
como se me dissessem: acomoda-te no teu galho,
eu penso: bonitos como potros. Não me servem.
Vou esperar que ganhem indecisão. E espero.
Quando cuidam que não,
estão todos no meu bolso.

Três poemas, três momentos para discutirmos como nossos alunos questões sérias, das quais ninguém vai querer negar seu ponto de vista. Em Leminski a constatação de que o amor também muda, de que o amor é contraditório – “coração trocando rosas / e socos”. Mas é preciso destacar que há um ritmo que nos encanta, há uma forma que ordena a expressão da experiência. O professor poderia convocar inúmeros poemas que retomam a temática do amor para observar como cada autor organiza sua experiência, as peculiaridades de visão de mundo. Sonetos Camões, algumas líras de Gonzaga, inúmeros poemas de Vinícius de Moraes, alguns de Adélia Prado poderiam formar uma seleta para ser detidamente apreciada em sala de aula. José Paulo Paes nos envolve no círculo vicioso do consumo e como que, com suas imagens, nos põe a nus, pois certamente muitas vezes “vagamos sem rumo”, como “almas penadas no mundo do consumo”. Quantas boas discussões presenciamos a partir deste poema. Também aqui outros poemas poderiam ser convocados para estimular uma discussão. Por exemplo, “Eu, etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade, poema longo marcado por cortante ironia. E Adélia? Há uma sabedoria feminina de que muitas vezes, nós, homens, sequer suspeitamos. Esse também um bom tema para debater. É preciso que se diga que muito pouca poesia feita por mulheres chega à escola, com exceção, talvez, de Cecília Meireles. Para não ficarmos apenas numa apreciação temática, é bom observar que os três poemas têm ritmos diferentes, formas peculiares e isto deve ser comentado. Mas não com uma teoria pré-fabricada. Não, o texto é que deve suscitar o comentário. Noutras palavras, informações sobre teoria do verso, sonoridade, imagens devem ser mostradas em ação, isto é, deve-se chamar a atenção para o efeito estético que este ou aquele recurso tem no poema que se está estudando.

O que nos guia ao longo destas reflexões é uma visão de que “O objetivo que permanece fundamental na poesia é o de nos colocar num estado segundo, ou, mais precisamente, fazer com que esse estado segundo converta-se num estado primeiro.” (Morin, 1998: 43) Acreditamos, portanto, na possibilidade de “reintroduzir a poesia na vida” (Morin), sobretudo chamando a atenção para o que Oswald falou no início do século: a poesia está nos fatos. Trata-se de buscar uma prática que se define por oferecer textos que possibilitem uma convivência mais sensível com o outro, consigo mesmo, com os fatos do cotidiano, com a vida, enfim. Certamente este é um percurso de resistência. Resistência que deve começar dentro dos próprios curso de letras onde sempre estão nos cobrando aplicação de teorias, objetividade, produtividade. Em vinte anos de convivência com jovens, posso afirmar que é possível um trabalho sensibilizador através da poesia. Pode ser exigente, mas é sobremaneira prazeroso.

Neste percurso uma questão é fundamental: não ensinamos poesia e não é um saber técnico-instrumental que define o trabalho, é antes uma convivência que se partilha. Diria mesmo, uma alegria que nasce da convivência com os jovens e com a poesia. Acredito que os poetas nos ensinam sentir melhor o mundo, a dar atenção às coisas que não têm importância nenhuma (Quintana nos lembra isto em vários poemas, sobretudo em “Ah, sim, a velha poesia”) e mesmo a descobrir naquilo que damos valor algo inesperado. Vejamos num poema de Gullar (1991), para encerrar a conversa, chamado

Sorriso
 Quando
 com minhas mãos de labareda
 te acendo e em rosa
 embaixo
 te espetalas
 quando
 com meu facho aceso e cego
 penetro a noite de tua flor que exala
 urina
 e mel
 que busco eu com toda essa assassina
 fúria de macho?
 Que busco eu
 em fogo
 aqui embaixo?
 Senão colher com a repentina
 mão do delírio
 uma outra flor: a do sorriso
 que no alto o teu rosto ilumina?

A experiência representada ou o instante colhido pelo poeta e a nós ofertado como palavra-símbolo, revela a alegria da gratuidade e nos dá a certeza de que a poesia é uma forma sublime de resistência à padronização dos costumes, dos afetos, dos sentimentos. E, portanto, privar o jovem leitor de uma possível encontro com ela é privá-lo do direito à uma experiência humana singular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Carlos Drummond. *A palavra mágica*. 3^a ed Rio de Janeiro: 1999.
 BANDEIRA, Manuel. *Berimbau e outros poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
 GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. 5^a ed Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
 LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. 5^a ed São Paulo: Brasiliense, 1993.
 MACHADO, Ana Maria. *Texturas? Sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
 MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Trad. Edgard de A. Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
 PAES, José Paulo. *Prosas seguidas de Odes mínimas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
 PINHEIRO, Helder (Org.) *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões..* São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2000.
 PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.
 QUINTANA, Mario. *Apontamentos de história sobrenatural*. 3^a ed Rio de Janeiro: Globo, 1984.
 _____, *Nova antologia poética*. 3^a ed Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

-
